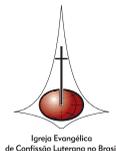


CRIATIVIDADE TOLERÂNCIA E DIVERSIDADE



Apoio:

Realização:



Sínodo Vale do Itajaí



CRIATIVIDADE – TOLERÂNCIA E DIVERSIDADE

Publicação coordenada pela coordenação do trabalho com jovens e programa de intercâmbios da Secretaria da Ação Comunitária da Secretaria Geral da IECLB e Conselho Nacional da Juventude – CONAJE

Elaboração: Coordenação Sinodal da JE (COSIJE) do Sínodo Vale do Itajaí e Sínodo Vale do Itajaí

Colaboradores/as: Martha Regina Maas, P. Edécio Tônio Tetzner, P. Günther Bayerl Padilha, Pa. Romi Márcia Bencke, P. Edson Pilz, Pa. Mirian Ratz, Katilene Willms Labes, P. Emilio Voigt, P. Alexander Roberto Busch, Pa. Cibele Kuss

Coordenação: Martha Regina Maas (COSIJE), Diác. Simone Engel Voigt (SAC/CONAJE)

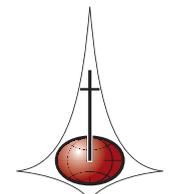
Projeto gráfico e diagramação: Artur Sanfelice Nunes

Revisão: Pa. Bianca Daiane Ucker Weber, Pa. Carla Suzana Krüger, P. Francisco Rafael Soares dos Santos, P. Marcos Aurélio de Oliveira, Pa. Rosangela Stange, P. Antonio Carlos de Oliveira, Diác. Simone Engel Voigt

Disponível em PDF - www.luteranos.com.br

Acesso ao público
Secretaria da Ação Comunitária
Rua Senhor dos Passos, 202 –
Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3284 5400
E-mail: secretariageral@ieclb.org.br

Apoio:



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil

Realização:



Sínodo Vale do Itajaí



COMPREENDENDO A PROPOSTA

A IECLB enquanto igreja nacional se apresenta e é reconhecida em muitos contextos, somos a igreja do campo, a igreja da cidade, somos comunidades de imigração e de missão, temos uma identidade luterana comum no mundo todo e temos realidades específicas de uma igreja brasileira. Exercitar e viver tolerância nesse contexto são práticas para a qual somos, enquanto pessoas cristãs, chamadas e envolvidas.

O material do CRIATITUDE para o ano de 2014 nos presenteia com uma grande variedade de textos acerca do tema Tolerância e Diversidade. Somos convidados e convidadas a ampliar e transformar em prática nossos conhecimentos, auxiliando na formação de pessoas em nossas comunidades.

A cartilha contém uma série de atividades que podem ser utilizadas nos encontros de jovens e que também podem ser adaptadas para o trabalho com crianças, pessoas adultas e idosas. Através de oficinas com atividades manuais apresentadas sem uma estrutura específica, o material sugere que a adaptação para cada realidade seja feita pela pessoa que aplicará o estudo. Através das propostas de atividades pedagógicas, somos desafiados e desafiadas a vivenciar culturas, sentir cheiros, ouvir sons, ler imagens, trocar experiências e experimentar tolerância na melhor forma.

Essas ideias podem ser aplicadas para um determinado setor ou podem ser transformadas em um grande encontro de diversidade onde pessoas de diferentes setores se envolvam. As adaptações devem ir ao encontro das necessidades de cada realidade, podendo ser complementadas, ampliadas e adequadas, garantindo que todas as pessoas possam se sentir acolhidas e desafiadas a viver ao lado de outra pessoa.

Propomos ainda, ao final do material, uma liturgia de culto que nos desafiará a viver a espiritualidade a partir da diversidade de jeitos de ser que nos cercam.

Katilene Willms Labes

Professora e Coordenadora da Pastoral da Criança e da Juventude do Vale do Itajaí

INTRODUÇÃO AO TEMA:

TOLERÂNCIA E DIVERSIDADE

*“Para que **todos sejam um**, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós...” (João 17)*

Neste trecho da Bíblia, Deus expressa o seu desejo para a humanidade: que sejamos UM. Mas como podemos nos tornar pessoas tão unidas se somos tão diferentes? Como pessoa jovem cristã e luterana, devo respeitar e conviver com ideias que são diferentes daquelas que eu aprendi como sendo corretas desde criança?

Vivemos, atualmente, num mundo plural. E a diversidade, do jeito que existe agora, veio para permanecer. A tecnologia, a rapidez da comunicação e a evolução da ciência nos permitem estar em contato com as mais diversas culturas e ideias na velocidade de um piscar de olhos. Mas ainda podemos nos questionar: como conviver em paz e comunhão quando pensamos de maneiras tão diferentes?

Antes de sua morte, Jesus orou pela unidade, pediu para que nos tornássemos “completamente um” (João 17.23) e essa realização só será possível através do respeito e tolerância mútuos. Sem eles, não há vida em comunidade, pois nós erramos, acertamos e podemos nos perdoar sempre.

Tolerância... O que significa essa palavra? O que ela tem a ver com o mundo em que vivemos agora? O dicionário Michaelis traz duas conceituações interessantes sobre ela: a) “direito que se reconhece aos outros de terem opiniões diferentes ou até diametralmente opostas às nossas e b) boa disposição dos que ouvem com paciência opiniões opostas às suas.” No entanto, tolerância não significa um estado permanente, um ideal a seguir, mas um momento provisório, uma pausa, um diálogo que busca novos horizontes. Tolerância também tem os seus limites e implica em ação para não cair na passividade, na indiferença ou simplesmente na piedade frente ao absurdo.

Ser tolerante é mais do que saber respeitar, é reconhecer que as diferenças existem e perceber a importância delas para a construção de um mundo mais

justo. Sabemos que fomos pessoas criadas à imagem de Deus, assim, nessa perspectiva, **todas as pessoas** são amadas da mesma forma. Nesse mundo plural em que vivemos, a tolerância se mostra essencial para que possamos viver em comunhão, sempre buscando **aprender com o diferente**, buscando um aprendizado mútuo.

As oportunidades para exercitarmos tolerância são muitas: entre pessoas de diferentes idades, com colegas de trabalho e escola, com alguém que fala uma língua diferente.... Que, como juventude cristã e luterana, sejamos exemplo de tolerância na busca de um mundo mais justo e inclusivo!

Martha Regina Maas

*Mestranda em Educação e Coordenadora Sinodal
da Juventude Evangélica do Vale do Itajaí*

P. Edécio Tônio Tetzner

*Paróquia Bom Pastor – Brusque e Orientador
Teológico da Juventude do Vale do Itajaí*



(IN)TOLERÂNCIA

Quando nascemos recebemos de herança um contexto cultural. A partir dele vamos construindo nossa percepção de mundo, nossos pré-conceitos, valores morais, éticos e religiosos. Normalmente, a tudo isso nós chamamos de “tradição” (DA MATTA : 2000, p. 24). Sendo assim, somos frutos do meio em que vivemos. Mas, nossa identidade não é apenas fruto do contexto cultural ao qual pertencemos, pois ela é complementada no encontro com as outras pessoas de nossa sociedade. Isto se dá porque o ser humano é um ser relacional. No encontro com o “outro” é que a pessoa adquire a consciência de si mesmo.

Na construção de nossa identidade o “outro”, a “outra”, funciona como um espelho revelando-nos aquilo que não somos. Desta maneira é possível afirmarmos que uma parcela de nossa identidade nasce da negação da outra pessoa, por exemplo, uma pessoa se percebe católica porque não é evangélica, se percebe de esquerda porque não é de direita, se percebe da periferia porque não mora no centro, se percebe negra porque não é branca. A este processo de construção de identidade os antropólogos chamam de etnocentrismo.

Em nosso país é impossível ficar indiferente a diversidade, pois o Brasil é multicultural. Basta olharmos ao nosso redor e veremos as diferentes etnias, manifestações culturais e religiosas. No entanto esta realidade não nos isenta de pensamentos recheados de preconceitos, nutridos por antigas teorias que advogavam por uma superioridade branca diante das outros matizes de cor de pele. É evidente que o “racismo à brasileira” torna a injustiça e a exclusão social em algo tolerável. Sendo assim, conseguimos acreditar no mito da “democracia racial” sem que de fato vivamos numa sociedade que garanta a igualdade de oportunidades para todas as pessoas. (DA MATA: 2000, p 47).

Diante da diversidade estamos como que diante de uma encruzilhada e, conseqüentemente, precisamos escolher a direção que iremos tomar, ou seja, seguir pela via da intolerância, escolher o caminho da tolerância ou a direção da inclusão. Caso optemos pelo caminho da intolerância seremos pessoas altamente preconceituosas, excludentes e não permitiremos conhecer a outra pessoa. Caso a nossa opção seja a via da tolerância nós iremos gradativamente dando-nos a oportunidade de conhecer a outra pessoa para que possamos

romper com as barreiras do preconceito, mas esta escolha é inclusiva e, simultaneamente, excludente. O caminho da inclusão é de aceitação incondicional, do respeito à outra pessoa acima de nossas convicções pré-estabelecidas e de nossas tradições. Qual é a sua opção de caminho?

O caminho que cada pessoa escolhe revela seus valores, sua herança cultural e religiosa, ou seja, desvela sua imagem de sociedade ideal e de Deus. Quando nós escolhemos o caminho da intolerância pensamos em uma sociedade de iguais e num Deus exclusivo. Esta forma de pensar é encontrada em algumas passagens do Antigo Testamento, como por exemplo, Êxodo 26.16-19, Isaías 43.1-7, Levítico 26.1-13, Jeremias 33.36-44, Isaías 49.1-7 são textos que falam da exclusividade de Israel como povo de Deus e da exclusividade de Deus para o povo de Israel. Quando escolhemos os caminhos da tolerância e da inclusão estamos pensando numa sociedade justa onde todas as pessoas possuem reais possibilidades e num Deus que ama a humanidade como sua criação multicultural. Esta forma de pensar também é encontrada em vários textos, principalmente, no Novo Testamento, como por exemplo, Mateus 15.21-28, Lucas 7.1-10, Lucas 10.25-37, Gálatas 3.26-29, 1ªCoríntios 12.12-26, 1ªCoríntios 15.20-28, Romanos 11.25-32, Colossenses 3.5-11, Efésios 2.11-22 e outros.

Em nossa sociedade é necessário que nos esforcemos para que as atitudes de inclusão superem as posturas tolerantes e intolerantes. O esforço de promover a inclusão deverá ser constante, pois há avanços e retrocessos no processo de aceitação do diferente. Porém, sempre de novo é primordial buscarmos transformar pensamentos e atitudes (Romanos 12.2). As iniciativas de inclusão permitem-nos viver numa sociedade menos preconceituosa e discriminadora. Somos obras do sopro divino e desejamos viver em paz com toda a criação. Que Deus nos ajude nisto! Amém!

Referências:

DA MATTA, Roberto. O que faz do Brasil, Brasil? 11 ed. Rio de Janeiro : Rocco, 2000.
BÍBLIA SAGRADA : Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri : Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

P. Günther Bayerl Padilha
Paróquia de Itapema/SC

FÉ CRISTÃ E DIVERSIDADE RELIGIOSA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Nos últimos anos o tema da diversidade religiosa tem ocupado muitos espaços de discussão, reflexão e pesquisa. Uma das razões para isso é o aumento da violência baseada na fé, ou, em outras palavras, da violência religiosa. Este tipo de violência se caracteriza por qualquer atitude desrespeitosa contra a religião, como por exemplo, ironizar, debochar, ridicularizar a crença religiosa da outra pessoa. Ela também pode se manifestar como violência física. Em alguns casos, a violência religiosa se expressa no desrespeito ao espaço sagrado do outro e da outra, através de pichações das casas de culto e destruição de símbolos religiosos.

A intolerância religiosa acompanha o Brasil desde sempre. Nos primeiros anos de colonização, a intolerância religiosa foi contra as diferentes culturas indígenas. As reduções indígenas foram uma maneira encontrada para “conduzir as populações indígenas na fé correta”, no caso, a fé cristã.

Posteriormente, com a chegada dos povos africanos, a intolerância religiosa se manifestou contra as religiões de matriz africanas, vistas como demoníacas. Mais tarde, com a chegada de imigrantes protestantes, entre eles luteranos e luteranas, a intolerância religiosa novamente se fez presente. São conhecidos os relatos de luteranos e luteranas que descrevem as discriminações que sofriam por causa da fé.

Estamos acostumados e acostumadas a ouvir e ver a utilização da bíblia como forma de afirmações de verdades absolutas. Geralmente, as pessoas procuram utilizar a Bíblia para desmerecer a crença da outra pessoa e para afirmar a sua como a única e verdadeira forma de crer em Deus. No entanto, a Bíblia é o livro que nos aponta para um projeto de humanidade em que é possível a convivência com as diferentes formas e expressões de vida, de culturas e de fé.

Já no Antigo Testamento é possível identificar textos que indicam que Deus não pretendia um mundo uniformizado, dominado por um único poder e por uma

única cultura ou por uma única expressão religiosa. Este é o caso do Texto de Gêneses 11.1-9.

Outra história que aponta para um projeto de diversidade é a história de Noé. Ao final do dilúvio, Deus estabelece uma aliança com todos os seres vivos da terra. Ao estabelecer a Aliança, Deus não estabelece um modo de vida específico. Ao contrário, reafirma apenas que a Aliança vale para todos os seres que vivem sobre a terra.

No Livro do Profeta Isaías 56.7 Deus anuncia: “A minha casa será casa de oração de todos os povos”.

Muitos textos bíblicos do Novo Testamento apontam o diálogo como a ponte que contribui para que as pessoas se compreendam mutuamente.

Um dos discursos mais conhecidos de Jesus é o Sermão do Monte, onde encontramos as Bem-aventuranças (Mateus 5.1-12). Neste discurso, Jesus não fala da exclusividade de uma fé em relação a outra. Ao contrário, Jesus remete à coerência na aliança com Deus: prática da justiça, misericórdia, mansidão.

Em Mateus 28.19, Jesus conclama os discípulos a viver e testemunhar o Evangelho para todos os povos. É tarefa dos discípulos e discípulas compartilhar o que Jesus ensinou. A partilha da mensagem não acontece por meio da dominação e nem através da conversão à força, mas acontece através da postura da prática do amor ao próximo. A postura de como relacionar-se com pessoas de outras expressões de fé e de outras culturas é indicada pelo próprio Jesus: João 4.5-42 e 14.2.

O diálogo com outras expressões de fé é uma ameaça à nossa própria fé?

Muitas pessoas dizem que sim. Algumas são contra o diálogo entre diferentes religiões por acreditarem que este diálogo poderia afastá-las de sua crença. É o medo que faz com que essas pessoas se fechem para o diferente. Entretanto, apenas estará pronta para o diálogo aquela pessoa que tiver abertura para conhecer a sua própria religião. O diálogo é uma forma de nos conhecermos melhor enquanto Igreja. O diálogo não nos afasta de nossa fé, ao contrário, ele nos aproxima. Quanto mais abertura tivermos para conhecer a diversidade que nos rodeia, mais nos conheceremos. Experimente fazer essa aventura.

DIVERSIDADE COM TOLERÂNCIA, AMOR E RESPEITO

“Cala a boca, Magda!” Era o chavão de um programa humorístico que assistíamos em nossas telinhas. Quando tal chavão era dito, a plateia caía na gargalhada. Chama-se de humor sarcástico! O sarcasmo “designa um escárnio ou uma zombaria, intimamente ligado à ironia com um intuito mordaz quase cruel, muitas vezes ferindo a sensibilidade da pessoa que o recebe” (Wikipédia). Tal programa acima citado e tantos outros transmitem a ideia de que para fazer alguém sorrir, ou aparentemente ser feliz, é preciso zombar ou rebaixar a outra pessoa. Este pensamento e atitude estão igualmente presentes no cotidiano das pessoas. Um exemplo disso são as piadas sobre “loira burra”, pessoas gordas ou magras, gays, bêbados, de outras raças ou nacionalidades. Aqui mora o perigo! Pois além de ferir as pessoas com palavras e atitudes, corre-se o risco de criar um senso comum onde, por exemplo, “toda loira é burra”.

Nós confessamos e cremos que Deus criou o ser humano a sua imagem e semelhança (Gn 1.27). Independente de sexo, raça, cor, idade, peso... somos criaturas amadas por este Deus Onisciente e Onipotente. Confessamos como o salmista: “Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe. Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis e a minha alma o sabe muito bem” (Sl 139.13,14). Quando ainda estávamos no útero de nossas mães, formando nosso físico exterior e interior, ali Deus nos tecia e amava. Tocados e tocadas por esta atitude de Deus, não queremos e nem devemos magoar ou ferir nosso próximo ou nossa próxima. “Mas devemos ajudar-lhe e favorecê-lo em todas as necessidades corporais” (Martim Lutero – Catecismo Menor), espirituais, psicológicas e sociais. Jesus nos ensinou a amar a todas as pessoas (Mt 22.39; Jo 13.34), em palavras e atitudes. Amar se traduz em respeitar, valorizar, tolerar, cuidar, aprender, auxiliar, perdoar...

O mundo pós-moderno é caracterizado pela diversidade. Somos diferentes e convivemos diariamente com outras pessoas. Com a globalização, não há mais distâncias entre raças ou nações. Por isso, um grande desafio de nossa

realidade é o exercício e a prática do respeito, da tolerância, da valorização da outra pessoa ou povo. Não significa que necessito adotar a postura, pensamento e estilo de vida do outro e da outra, ou ainda perder a minha identidade. Conviver com o diferente é estar disposto e disposta a aprender, tolerar e respeitar a diversidade, tendo como critério a defesa da vida criada por Deus. Pois sua vontade é que todas as pessoas tenham vida digna e abundante (Jo 10.10b). Tudo isto se transmite em atitudes e palavras, com criatividade e amor.

Que tal revermos nossas atitudes a partir do que refletimos acima: estamos respeitando e valorizando a outra pessoa? Quais são meus pensamentos, palavras e atitudes para com aqueles e aquelas que são diferentes? Que tal iniciarmos contando piadas criativas, sem usar o sarcasmo? Que tal deixarmos de assistir programas que diminuem a imagem da outra pessoa? Que tal organizar um passeio ou excursão com o grupo para conhecer uma localidade ou grupo com uma cultura diferente? Que nossas palavras e atitudes sejam permeadas de criatividade, com amor e respeito, para que na diversidade sejamos um corpo em Cristo Jesus.

P. Edson Pilz
Paróquia de Indaial



EU VIM DE LÁ. EU SOU DAQUI. E DAÍ?

“Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos e sois da família de Deus.” Efésios. 2.19

Quando nos encontramos como grupo de jovens é comum, especialmente nos primeiros encontros, utilizarmos algumas dinâmicas de apresentação. Quem de nós nunca ouviu a frase: “diga seu nome e de onde você é.” É claro que a apresentação é uma forma que utilizamos para auxiliar o grupo a conhecer aquelas pessoas que ali estão. No entanto, em algumas situações, falar de onde viemos implica compartilhar não apenas um lugar, mas uma série de conceitos e preconceitos que podem estar associados a ele.

Em 2014 o tema e lema de nossa IECLB nos convidam a refletir a comunhão com Deus onde vivemos, apontando para a cidade, símbolo de desenvolvimento, de crescimento, lugar de encontros e desencontros de tantas pessoas diferentes, que vêm e vão, que migram em busca de melhores oportunidades e buscam espaço para crescer e viver em paz. Uma verdadeira diversidade de culturas e atitudes. E nós jovens? Como nos vemos em meio a esta realidade? De onde viemos? Para onde vamos? O que verdadeiramente importa nesta relação de idas e vindas?

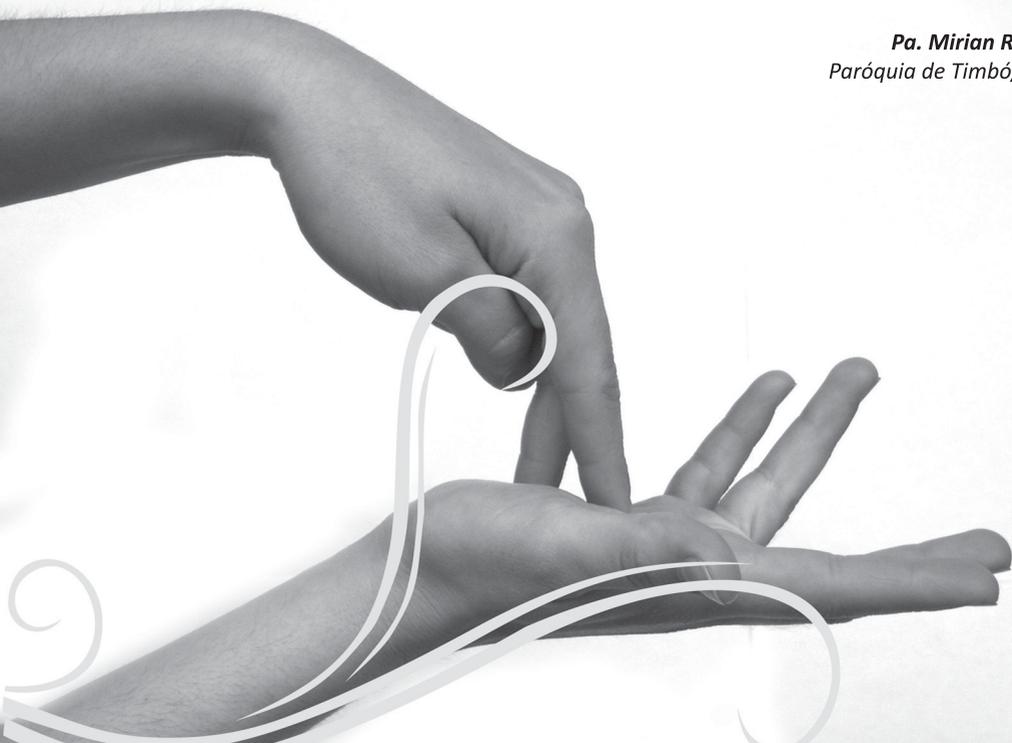
Atrás da pergunta “de onde você é?” podem estar algumas ideias já formadas que, em alguns casos, nos impedem de experimentar verdadeira comunhão com a outra pessoa, com aquela que vem de fora do ambiente em que estou inserida. A palavra do apóstolo Paulo em Efésios aponta para uma condição acolhedora. Já não somos mais pessoas peregrinas nem estrangeiras, mas pertencemos à família de Deus. Como viver isso de forma concreta? Prestando atenção no seu grupo você poderá ajudar a fazer esta reflexão. Quantas pessoas vieram de outros lugares, realidades sociais, culturais diferentes? Como as acolhemos? Ouve resistência? Refletir sobre como está a nossa convivência com a outra pessoa é o que nosso tema quer destacar. Queremos também valorizar todas as atitudes positivas de grupos jovens que há muito já experimentam a alegria de acolher

e ser receptivo, sem restrições ou exigências.

Ao longo dos últimos anos tive oportunidade de vivenciar várias situações concretas, sendo acolhida em realidades diferentes daquela “de onde vim”. Experiências desafiadoras e gratificantes. Onde o colocar-se no lugar da outra pessoa sempre foi uma ótima ferramenta. Compreender a diversidade em que vivemos e vê-la como riqueza e não barreira ajuda a refletir e tomar posição clara e firme sobre o tema. Não podemos ignorar que nossa sociedade insiste no modelo de que aquilo que é diferente é ruim. Temos, por vezes, dificuldade em aceitar em nosso grupo alguém que vem de outra região (sul, norte, nordeste) ou de uma realidade diferente (interior, cidade grande, favela).

Olhe ao seu redor, para o grupo onde você está inserido e inserida. Há espaço para todas as pessoas? Mais importante do que saber de onde viemos é saber para onde vamos. Não vamos apagar, nem ignorar nossa origem, mas nossa tarefa como grupo de jovens é seguir adiante, olhar para o nosso testemunho, nossa prática. Quantas coisas bonitas foram realizadas quando a diversidade de dons foi colocada a serviço? Há muito mais respostas para a pergunta: “para onde vamos?” do que “de onde vim?” Na família de Deus, na Comunidade somos convidados e convidadas a olhar para frente. Onde o colorido de nossa diversidade seja instrumento de transformação de nossa realidade.

Pa. Mirian Ratz
Paróquia de Timbó/SC



CONVIVÊNCIAS (DE ONTEM E HOJE) QUE FAZEM A GENTE CRESCER

“A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar”. (Moacir Gado 翻)

Há algum tempo fizemos no grupo de jovens da comunidade uma gincana, o objetivo era organizar um evento para receber pais e mães, as equipes receberam tarefas relacionadas a isso. Todas tiveram ótimo desempenho e o evento foi um sucesso. Entretanto, o mais produtivo foi o que aprendemos no caminho até o dia do encontro. Como em muitas outras ocasiões e espaços, alguns grupos conseguiram alcançar o objetivo com mais facilidade. O relevante dessa história para o tema desta reflexão é pensar que aquelas pessoas que apresentaram maior dificuldade foram as mesmas que no decorrer das atividades discutiam pensando apenas no seu ponto de vista e não no bem coletivo.

O círculo familiar é ainda mais vulnerável aos conflitos, por um lado pela convivência e intimidade entre os membros, mas, também pelas diferenças de idade, pelos contextos da infância e juventude, pela geração da qual cada pessoa faz parte. Especialistas dizem que a cada dez anos o ciclo de uma nova geração se fecha. Lembramos que a 15 ou 20 anos atrás uma mulher de 30 anos era mãe de crianças crescidas e, com 50 anos era avó e considerada uma adulta bastante amadurecida. Hoje em dia mulheres de 30 anos ainda não decidiram quando terão filhos e filhas, enquanto mulheres de 50 anos estão decidindo a escola dos filhos e das filhas e, toda essa mudança é natural, não demanda preocupação.

Enquanto avós e avôs de hoje enfrentam dificuldades para se adequarem as novas tecnologias, pais e mães se acostumam com aquilo que tardiamente passou a fazer parte das suas rotinas, crianças com pouco mais de três anos demonstram habilidades corriqueiras com os dedinhos em teclados Touchscreen.

Nesse contexto de gerações distintas descobrimos os conflitos geracionais que sempre acompanharam a humanidade e que agora ganham evidência em

intervalos menores de tempo. Surgem brigas, discussões, magoas e divisões familiares que podem durar pouco ou muito tempo para serem resolvidas.

Não existem fórmulas para evitar as discussões. E quem disse que isso é necessário? Segundo o dicionário a palavra discutir significa: Apresentar questões acerca de alguma coisa; analisar apresentando questionamentos; examinar. Colocar em questão; questionar ou contestar. Entrar em acordo sobre alguma coisa. Apresentar argumentos contrários ao assunto em questão; debater. Conversar com excesso de empolgação; brigar.

Quando discutimos, levando em consideração o sentido correto da palavra, colocamos nossas opiniões e ouvimos as opiniões de outras pessoas, isso nos faz crescer. Crescer em individualidade, autonomia, liberdade de ser, identidade. É necessário maturidade das pessoas envolvidas para enfrentar essa situação tirando dela o melhor proveito.

As pessoas pensam de diferentes formas, um dos segredos está em não querer impor a sua opinião como se fosse a única correta. O que é correto para uma pessoa pode não ser para outra. É necessário sabedoria e compreensão. Quando não aceitamos que a outra pessoa pensa diferente de nós manifestamos nossa intolerância com o que é diferente.

Ao falar de conflitos de gerações estamos falando de uma questão de respeito e tolerância. Respeito pelo que eu sou a partir da outra pessoa e tolerância com o que eu não sou.

Sugestão de atividade:

Que tal organizar uma roda de conversa entre pessoas de diversas gerações para que possam falar das realidades das juventudes em diferentes momentos da história. Podemos falar da realidade social, econômica, como eram as relações de gênero e geracionais. Além disso é um momento onde podemos falar com essas pessoas de como eram as atividades, anseios, desejos e dificuldades do grupo de JE em cada época.

Referências:

Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/discutir/>> Acesso em: 16 dezembro 2013.

Katilene Willms Labes
*Professora e Coordenadora da Pastoral da
Criança e da Juventude do Vale do Itajaí*

EU CURTO E COMPARTILHO A TOLERÂNCIA!

Há quase dois mil anos, Jesus disse que seus discípulos e suas discípulas eram sal da terra e luz do mundo (Mateus 5.13-16). Estas palavras valem para nós, que somos as discípulas e os discípulos de Jesus hoje. Sal e luz estão bem presentes em nossa vida. O sal preserva e dá gosto aos alimentos. Quando escurece, a luz traz segurança e possibilita enxergar o caminho. A ausência ou o excesso de sal são facilmente percebidos. Da mesma forma, um pouco de luz pode ser decisivo em meio à escuridão. Sal e luz são elementos que fazem a diferença, não importa a quantidade e a intensidade. Quando Jesus diz que somos sal e luz, está afirmando que nós fazemos a diferença no mundo!

Dizem que, quando acessamos a internet, entramos em um mundo virtual. No sentido estrito da palavra, “virtual” não é uma realidade concreta. Mas o que acontece na internet e nas redes sociais é real. Eu converso com pessoas, envio e recebo imagens e documentos, faço compras e até transações bancárias. Tudo isso é realidade! O que acontece no mundo chamado “virtual” tem consequências no mundo “real” e vice-versa. O mundo virtual é bem mais real do que imaginamos. Também no mundo “virtual” somos sal e luz.

As novas tecnologias abrem horizontes e possibilidades fascinantes. No CONGRESNAJE de 2012, quem não pode ir para Pelotas teve a oportunidade de acompanhar a programação via internet. Em certo dia, houve um teatro e as pessoas da plateia podiam fazer intervenções. Pelo chat, alguém postou uma proposta e uma personagem foi destacada para fazer a cena. Nada se compara a estar presente no CONGRESNAJE, mas poder assistir, comentar e até fazer intervenções é algo fantástico. Isso tudo é real.

Naquele CONGRESNAJE também foi possível perceber os problemas da interação “virtual”. A abertura do congresso atrasou e o pessoal da transmissão teve problemas para colocar o evento no ar. Enquanto esperavam, algumas pessoas do público online dialogavam pelo chat. Outras, impacientes e sem saber o que estava acontecendo nos bastidores, começaram a reclamar. Escondidas atrás de um nome fictício, escreviam o que provavelmente não falaria caso estivessem face-a-face. Seria uma expressão de impaciência ou uma manifestação de intolerância?

No mundo “virtual”, as possibilidades estão a um clique de distância. Com um clique posso acessar um site islâmico, judaico, cristão protestante, católico ou pentecostal. Posso visitar sites de empresas, clubes esportivos e partidos políticos ou participar de fóruns e grupos que defendem as mais diversas ideias. A sociedade em rede permite a expressão da diversidade, mas também revela as manifestações de intolerância, principalmente em relação ao divergente. Nestas situações, podemos fazer a diferença. Isso não significa abdicar de convicções e valores, mas manter o respeito, buscar o diálogo e a convivência. Em qualquer situação, as interações precisam ser baseadas na transparência, na honestidade, na abertura para o diálogo, no amor fraterno que visa ao bem da outra pessoa.

As interações nas redes sociais não são necessariamente melhores ou piores do que as interações face-a-face. Elas são de outra natureza. Na internet, normalmente a pessoa é conhecida pelo que publica, curte ou compartilha. Palavras e imagens são a nossa principal forma de ação e interação no mundo virtual. Mas elas têm impacto e consequências reais. Podemos ter centenas ou até milhares de contatos nas redes sociais. Isto aumenta a nossa responsabilidade e também a nossa oportunidade de ser sal e luz. Com o nosso testemunho cristão, podemos tornar as redes sociais mais justas e acolhedoras.

Não confie em tudo o que você lê e não compartilhe palavras e imagens com conteúdo impróprio, que agridem e discriminam. Não faça e não aceite provocações que possam causar problemas e ferir pessoas. Aproveite as novas tecnologias para fazer e preservar amizades, compartilhar suas ideias, promover o diálogo e exercitar tolerância. Mas também não deixe de curtir o sol, o vento, o contato com a natureza, os encontros pessoais e de grupos. Lembre-se de que, quando desligar o botão do seu computador, tablet ou celular, um mundo de possibilidades está esperando por você. E, neste mundo, você também faz a diferença.

Para reflexão:

- Pela internet temos contato com ideias, crenças e valores muito diferentes. Como podemos exercitar tolerância e, ao mesmo tempo, manter a nossa identidade e o nosso testemunho cristão?
- De acordo com Atos 2.42-47, a primeira comunidade cristã era caracterizada pela ajuda mútua, comunhão, partir do pão, oração, louvor. Como vivenciar esses elementos numa comunidade “real” e “virtual”?

P. Emilio Voigt
*Assessor de Formação e Edificação
de Comunidades do Vale do Itajaí*

MASCULINIDADE – E EU COM ISSO?

Dinâmica: Dança das Cadeiras Cooperativas

Brincar primeiro o jogo da Dança das Cadeiras na forma tradicional. Depois brincar a Dança das Cadeiras Cooperativas, em que no início o número de cadeiras é igual ao número de participantes. A cada rodada uma cadeira é eliminada, mas o número de participantes permanece o mesmo. No final do jogo, há somente uma cadeira, mas o grupo precisa exercer sua criatividade e cooperação para que todas as pessoas possam sentar na cadeira (sentar no colo, nos pés). Ao invés de cadeiras também se pode utilizar folhas de jornal. No final o grupo todo deve caber em apenas uma cadeira ou dentro da única folha de jornal que sobrou.

Impulsos para reflexão:

- o jogo tradicional é transformado num novo jogo, ou seja, em conjunto podemos recriar e transformar o que já existe.
- no jogo tradicional se valoriza a competição, uma pessoa ganha enquanto as outras são eliminadas. No jogo novo existe cooperação, e todas as pessoas ganham.
- embora a forma tradicional seja divertida, melhor e mais divertido é poder se esforçar para incluir todas as pessoas.
- na primeira versão existe o esforço e objetivo individual, na segunda versão o esforço e objetivo coletivo.
- no jogo novo existem novas maneiras de se brincar: sem pressa, sem tensão ou preocupação de se sentar mais rápido do que outras pessoas, poder andar/correr em direções diferentes, enxergar as cadeiras como ponto de encontro, liberdade para curtir a música e o momento, brincar ao invés de competir, dançar em comum-unidade
- podemos imaginar e nomear situações na vida real em que as pessoas parecem estar brincando a Dança das Cadeiras na forma tradicional? E na forma de cooperação?

Reflexão

Enquanto preparava esta reflexão, chegou a notícia de mais uma vítima do trânsito em nossa região. Um rapaz de 21 anos, vítima de sua própria imprudência no trânsito, que pisou fundo demais no acelerador e, ao se perder numa curva da BR, entrou debaixo de um caminhão. Quem não conhece um jovem que perdeu a sua vida no trânsito? Não é verdade que muitas pes-

soas jovens, geralmente rapazes, se envolvem em acidentes, por dirigirem de forma agressiva? As estatísticas comprovam que homens jovens são os que mais morrem no trânsito. Seja detrás da direção de um carro ou empinando uma moto, são vários exemplos Brasil afora de jovens que desperdiçam o seu futuro e causam sofrimento na família, por excesso de velocidade e imprudência. Por que muitos rapazes correm este risco? Por que querer mostrar que se é o “bom/gostoso” dirigindo perigosamente?

Alguém entre vocês talvez responda, muitos jovens se acham ‘invencíveis’, fortes o suficiente para enganar as leis da física. Certo. Mas, nossa reflexão quer ir além. Pois a agressividade no trânsito é apenas um capítulo de um processo de formação dos meninos rumo à idade adulta. (Sei que estou generalizando, mas imagino que vocês também reconhecem este quadro!).

Desde cedo, na infância e adolescência, o menino vai aprendendo que precisa ser forte, independente e agressivo. Da mãe ele ouve que “menino não chora”. Do pai ele aprende que “lugar de mulher é na cozinha” e que, portanto, não existe nenhum problema o homem ficar deitado no sofá assistindo televisão, enquanto a mulher lava a louça e limpa a cozinha após o almoço. Ao adentrar a escola nosso jovem aprendiz descobre que para sobreviver é preciso competir. Afinal, os rapazes mais populares entre as moças são aqueles que se destacam nos esportes por causa de seu porte físico e habilidade para jogar. E não somente nos esportes se compete. É preciso investir nas roupas da moda para impressionar os colegas ou ainda, diante dos amigos, exagerar o número de parceiras com quem nosso jovem rapaz ‘ficou’ na festa.

Na música nas baladas este jeito de ‘machão’ é reforçado (sugestão: com - partilhar a letra de uma música tipo “Faroeste Caboclo” da Legião Urbana, ou “Camaro Amarelo” de Munhoz e Mariano). A letra que ouvimos é um entre os muitos exemplos de músicas que exaltam o homem forte, inde - pendente e agressivo. Ao mesmo tempo, em que o rapaz/homem é retrata - do como ‘machão’, a música identifica a moça/mulher como objeto sexual, fonte de prazer masculino, interessada no carrão ou na carteira de dinheiro do rapaz/homem.

Por fim, ao entrar no mercado de trabalho e participar do mundo adulto, o nosso jovem aprendiz agora precisa provar sua capacidade de se man - ter forte e independente. De preferência se destacando financeiramente e conquistando o reconhecimento social. O seu trabalho não é fonte de prazer e subsistência, mas sim uma obrigação e arena de competição. E que desgraça é ele perder o emprego e se tornar dependente finan -

ceiramente de sua companheira. Pois, como se aprendeu desde cedo, o homem é o provedor, a coluna que sustenta a casa e a família.

O resultado deste longo processo de formação e competição é o homem solitário, incapaz de expressar seus sentimentos e reconhecer ou admitir suas próprias fraquezas. Muitas vezes, não sabendo lidar com as frustrações que a vida apresenta, ou ainda por outro motivo, simplesmente desconta sua raiva na companheira e nas crianças. **Nesta vida de competição não há quem vence, apenas quem perde.**

Leitura do texto bíblico Mateus 20.20-28

Jesus, entretanto, nos apresenta uma proposta de vida diferente. Enquanto seus discípulos (homens) estão preocupados com quem irá conquistar o lugar de destaque e reconhecimento social no Reino de Deus, o **homem** Jesus enfatiza o serviço às pessoas com quem convivemos. Colocar-se à disposição para servir como um escravo era uma imagem bastante ousada para a época de Jesus. E porque não dizer, também para a nossa época. Jesus, ao destacar a figura do escravo como exemplo de servir, pede aos homens para quebrarem o ciclo da competição, poder, força e violência. Na própria vida de Jesus temos o exemplo de um homem que foi ‘forte’ ao se tornar ‘fraco’. Sua mensagem, sua vida estavam a serviço das pessoas oprimidas e marginalizadas. Jesus caminhou junto com pessoas consideradas perdedoras: as viúvas, os trabalhadores pobres, as pessoas enfermas, famílias de camponeses que haviam perdido suas terras, pessoas forçadas a migrarem de um lugar para outro.

Encontramos em Jesus um **homem** que indica novas maneiras para homens (e mulheres) viverem e se relacionarem em comunidade. Não em competição que desgasta e machuca, mas sim em serviço e cooperação. Assim, podemos nos perguntar: que tal repensarmos nossas atitudes, acolhendo as pessoas com seus diferentes jeitos de ser e brincar de “dançar comunidade”? Como relacionar o ensino de Jesus com a busca por relacionamentos mais igualitários e justos entre homens e mulheres? Como evitar a competição e favorecer a cooperação para promover ações positivas na família, na escola, na universidade, na igreja e na sociedade?

*P. Alexander Roberto Busch
Paróquia em Badenfurt*

PROPOSTA LITÚRGICA PARA CELEBRAÇÃO COMUNITÁRIA

Prelúdio (a escolher)

Acolhida trinitária

Celebrante: Deus está aqui, nós estamos com Deus.

Comunidade: Deus em movimento, para além daqui.

Celebrante: Jesus Cristo está entre nós, hoje e sempre.

Comunidade: Cristo em movimento, para além daqui.

Celebrante: E o Espírito Santo divino, entre nós, inspirando relações de amor em todos os lugares.

Comunidade: Amém, Axé, Auére, Shalom, Aleluia (Amém dos Povos).

Respiração pela paz: a respiração é o sinal de estamos com vida. É também uma forma de oração. Vamos ficar em silêncio e somente respirar, de olhos fechados, agradecendo a Deus pela diversidade da vida.

Canto: (a escolher)

Kyrie: Pelas dores deste mundo (sugiro compor o Kyrie com imagens projetadas que revelam as muitas mortes por causa da intolerância religiosa e outros tipos de fundamentalismo).

Mantra Força da Paz: (a música deste mantra pode ser encontrada na web. É aconselhável que, se houver uma banda ou uma pessoa que canta e toca, esta pessoa faça o canto, porque pode ser cantado de forma mais lenta, dando mais intensidade aos gestos)

Força da paz: estender os braços para baixo, apontando para o centro da terra. Cresça, sempre, sempre mais: elevar os braços devagar para o alto....

E reine a paz: balançar as mãos, ainda no alto, dando um giro...

E acabem as fronteiras: fazer com os pulsos juntos um X, na altura do rosto, rompendo-o imediatamente.

Nós somos UM: dar as mãos.

Como tornar a Casa de Deus uma Casa de Oração para todos os povos, conforme Deus anunciou em Isaías 56.7?

VIRAÇÃO: é uma dinâmica utilizada na última Jornada Ecumênica da Juventude, em 2010. A juventude é convidada a fazer uma Vir-Ação no espaço onde está reunida para celebrar, mudando bancos, cadeiras, alterando a ordem das coisas, criando um ambiente mais inclusivo. Podem ser deixados propositalmente materiais no espaço (imagens, panos coloridos, que poderão vir a ser utilizados pela juventude. Por exemplo, o vaso de flores no altar pode ser retirado e colocado no chão, formando novo centro sagrado junto com outros símbolos, como vela, uma cruz, textos com orações de outras religiões, etc. Se bancos forem fixos, será necessário ter mais elementos para compor os bancos com sinais de diversidade (fitas coloridas, frases que podem ser fixadas nos bancos). A ideia é ocupar o espaço da igreja com a Diversidade de Deus. E para isso, é necessário fazer “viração”, agir para que espaços e pessoas tenham suas concepções viradas de cabeça para baixo. Fica bem legal quando a pessoa celebrante dá um tom de dinamismo na atividade, desafiando a fazer mudança e a fazer isso tudo com ânimo e um tempo estipulado. Assim, o espaço parece estar se movimentando...

Canto: Deus em tua graça, transforma o mundo. (3x)

Oração:

Ó tu, cuja ternura é como a ternura das mães
Ó tu, que transborda de ternura para quem segue o teu caminho
Lança um olhar de bondade para quem está submerso.
Tem piedade do nosso coração cheio de angústia!
Vem em nosso auxílio, quando as águas nos submergem.

Canto de aclamação ao Evangelho: (a escolher)

Evangelho de Mateus 5.1-12

Reflexão sobre o texto: aprofundar a ideia de que ecumenismo e diálogo inter-religioso, assim como ações de incidência com diversos grupos da sociedade são possíveis a partir da cooperação coletiva em práticas de justiça.

Canto: Paz, paz de Cristo....

Oração do Pai Nosso, de mãos dadas.

Bênção final

Paz para as nações do norte e do sul

Do oriente e do ocidente.

Para todas as raças

Brancos e negros,

Amarelos e vermelhos.

Paz para todas as mulheres,

Paz para todos os homens.

Paz para todas as crianças e juventudes, de todas as idades e em todos os lugares.

Que a suprema paz permaneça sobre toda a paz. Amém (Luiz Carlos Ramos)

** Sugerimos que, em algum momento da celebração, o grupo que trabalhou os textos e temas da Cartilha divida com a comunidade o que aprendeu, os materiais que foram produzidos, em forma de encenação, apresentação ou um canto... Cada grupo pode organizar esse momento da maneira que achar melhor!*

Pa. Cibele Kuss

Secretária Executiva da Fundação
Luterana de Diaconia (FLD)

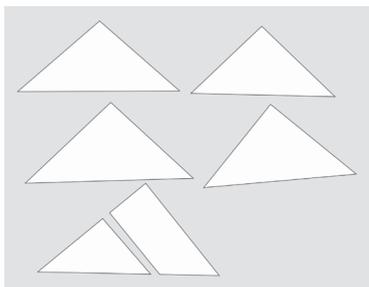


PROPOSTAS DE DINÂMICAS

Todas as propostas de dinâmicas podem ter suas discussões baseadas, ampliadas e aprofundadas a partir dos subsídios teóricos apresentados anteriormente. O objetivo das dinâmicas é propor atividades manuais e criativas que contribuam para a reflexão a respeito do tema da Cartilha de forma mais leve, complementando a bagagem dos textos teóricos. Essas atividades serão propostas de forma livre para que cada realidade local possa fazer as adequações necessárias e montar o formato mais adequado.

INCLUINDO O DIVERSO

Organize vários grupos e distribua entre eles cinco triângulos e um retângulo nos moldes da imagem abaixo. Confeccione os triângulos com cartolina ou EVA, lembrando que as partes menores deverão ser de cores diferentes aos dos triângulos maiores.



A missão de cada grupo é construir uma figura geométrica, por exemplo, um quadrado. Poderão sobrar peças ou até mesmo faltar uma peça. A ideia é fazer com que se reflita sobre caminhos e dificuldades para realizar inclusão. Depois de um determinado tempo convidar cada grupo a observar o que os outros grupos construíram.

Em seguida levante a seguinte discussão:

- Quais as dificuldades encontradas para a construção da figura geométrica?
- Quais foram as iniciativas que determinaram a exclusão de algumas peças ou a inclusão delas.

A Inclusão em pequenos grupos poder ser mais fácil, mas em grupo maior, como a sociedade, é algo difícil de acontecer. Então, convide para que os grupos, em conjunto, tentem montar uma figura geométrica. Havendo espaços livres comente que também na sociedade, podem haver espaços para inclusão ou não de novas cores e formas de ser. Existem vários caminhos para a discussão em grupo, deixe fluir as ideias de cada pessoa.

E SE FOSSE VOCÊ?

Prepare o ambiente com elementos que façam as pessoas pensarem na sua infância, areia ou terra para que possam sentir nas mãos, flores para que possam ser cheiradas enquanto os olhos estão fechados, um animal de estimação, bolinhas de gude, bola de futebol, boneca, livros escolares. Deixar os elementos no centro do círculo e dar alguns momentos para que as pessoas através dos seus sentidos relembrem de momentos que viveram e que esses elementos estiverem presentes. Pedir que contem histórias das suas infâncias relacionadas com esses elementos.

Após esse momento de reflexão faça a leitura do texto a seguir ou se for possível e conveniente faça a encenação envolvendo o grupo.

Observa-se a seguinte situação: “Um rapaz, que veio do interior de outro estado ou região é convidado pelos coordenadores do grupo de JE para participar dos encontros do grupo. O jovem vem, meio acanhado, no primeiro dia. Quando o encontro começa, todos se apresentam e os coordenadores pedem para que ele também se identifique. “Olá, meu nome é Carlos, tenho 16 anos e sou novo na cidade, vim da cidade tal (...)”. Ele acha estranho que, quando fala o nome de sua cidade, algumas pessoas se entreolham, mas como o nome da cidade é um pouco diferente, acha que é por causa disso mesmo. Em seguida, todos lhe dão as boas vindas, lhe abraçam e desejam a paz do Senhor em sua vida. Orações, meditações e dinâmicas de grupo são feitas ao longo do encontro, quando em determinado momento, numa distração em meio às atividades, uma jovem empurra o garoto novo sem querer. Ela lhe pede desculpas e tudo segue normalmente. De repente, outro jovem esbarra nele, o que começa a deixá-lo constrangido. Rapaz que, agora o rapaz, começa a ficar constrangido. Mais tarde, em meio a uma outra brincadeira de correr, por descuido, o jovem novo esbarra novamente na mesma moça, a derruba, mas, em seguida, a ajuda a levantar e a pede desculpas muito

sem jeito. A moça dá um sorriso e diz que não foi nada. O outro jovem, com ciúme, parte pra cima do rapaz novo, tenta lhe agredir e os outros jovens impedem, neste momento, então, o jovem com ciúmes solta o verbo e manda: “Volta pra sua cidade, seu encenqueiro!”. O jovem então olha para todos muito constrangido e vai embora. Os coordenadores ainda tentam trazê-lo de volta, mas não conseguem.”

Perguntas norteadoras:

- Qual a relação entre o primeiro momento e o segundo que acabamos de vivenciar?
- Como é a sua relação com o local da sua infância?
- Como você se sentiria se esse local fosse avaliado da forma como aconteceu na cena anterior?
- É justo avaliar todas as pessoas a partir de uma mesma medida?

Ednei Jensen

Comunidade de Itoupavazinha – Paróquia da Paz Testo Salto

SUBSÍDIOS COMPLEMENTARES

Documentos on-line

Mapa da Intolerância Religiosa, disponível em:

[http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/Mapa_da_intolerancia_religiosa\[1\].pdf](http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/Mapa_da_intolerancia_religiosa[1].pdf)

Subsídios para “Consulta aos Regionais”, disponível em:

http://www.conic.org.br/cms/files/subsidios_consulta_aos_regionais.pdf

Filmes

Ágora: Ano: 2009; Direção: Alejandro Amenábar

O Jardim das Folhas Sagradas. Ano: 2011; Direção: Paola Ribeiro

O Pagador de Promessas. 1962; Direção: Anselmo Duarte.

Você sabe o que é intolerância religiosa?

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3m75RX3QDS0>

Roger Ross Williams – Evangelho da intolerância.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=5JuSK5h8ek4>

Visite o link abaixo e conheça os materiais desenvolvidos pelo COMIM:

<http://comin.org.br/>

Abaixo estão indicações de Literatura Infantil que falam sobre Tolerância e Diversidade que podem auxiliar no trabalho e estudo com grupos:

Quem tem medo do Ridículo?

Autora: Ruth Rocha

Ilustrações: Mariana Massarani

São Paulo – Gaia – 2007

ISBN: 978-85-7555-134-9

Kabá Darebu

Autoria: Daniel Munduruku

Ilustrações: Marie Therese Kowalczyk

São Paulo – Brinque Book – 2002

ISBN: 85-7412-086-3

Peppa

Autoria: Silvana Rando

São Paulo – Brinque Book – 2009

ISBN: 978-85-7412-256-4

Quando as cores foram proibidas

Autoria: Monika Feth

Tradução: Dieter Heidemann e Maria de Lourdes Porto

Ilustrações: Antoni Boratynski

São Paulo – Brinque Book – 1998

ISBN: 85-7412-002-2

A Ponte

Autoria: Heinz Janisch

Tradução: José Feres Sabino

Ilustrações: Helga Bansch

São Paulo – Brinque Book – 2012

ISBN: 978-85-7412-387-5





PALAVRAÇÃO

Material destinado às pessoas que orientam os trabalhos com grupos de jovens na IECLB.

Cada estudo está dividido em duas partes, uma teórica (PALAVRA) e outra prática (AÇÃO).

CONFIRA! Acesse - www.luteranos.com.br

